



UMA GENTIL PATINADORA EM CHAMOUNIX

(Cliché Chusseau Flavens)

II Série—N.º 412

Director e PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor JOSÉ JOUBERT CHAVES

Ilustração Portuguesa
 Edição SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Lisboa, 12 de Janeiro de 1914

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, off. de composição e impressão
 RUA DO SÉCULO, 43



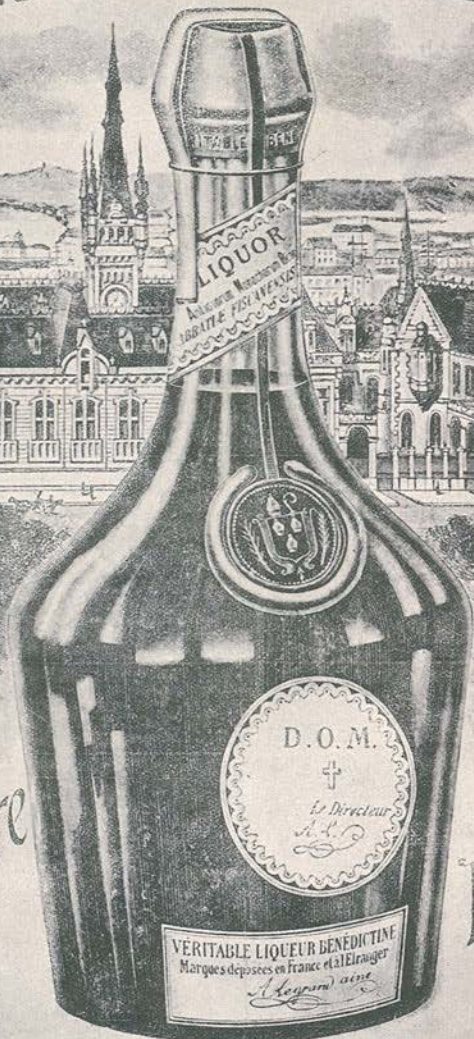
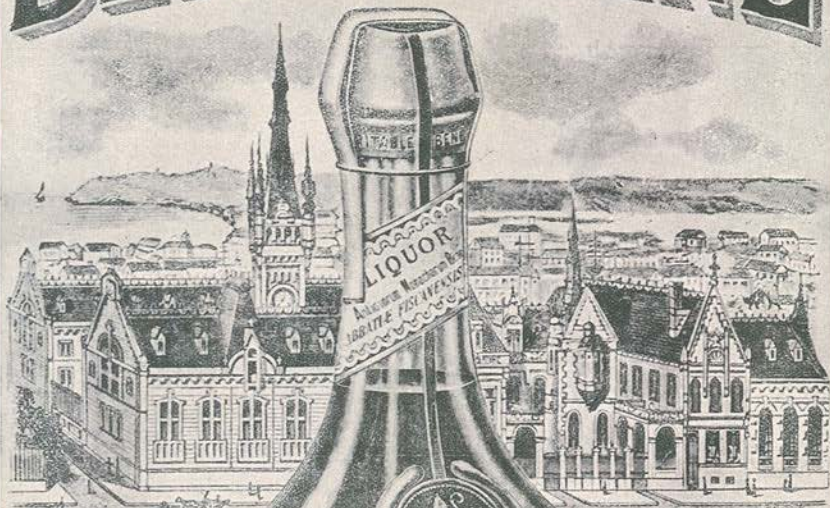
Trimestre..... 1520 cent.

Semestre..... 2840 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avulso. 10 cent.

BÉNÉDICTINE



Les
Meilleurs

des
Liqueurs

Exquise · ^{U.S.} Tonique · Digestive

VENDE-SE EM TODA A PARTE

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

12-1-1914

N.º 412

O cancro

As ultimas estatisticas medicas francezas dizem-nos que a mortalidade pelas neoplasias malignas aumentou. Em 1911 o cancro fez em França 31.760 mortes,—mais 4.462 vitimas do que em 1906. Ao mesmo tempo, na America, as tentativas de cura dos carcinomas pelo radio não se cançam de dar resultados negativos. A humanidade vê-se desarmada perante esse flagelo misterioso em tudo,—na etiologia, na patogenia, na terapeutica. Ao passo que a tuberculose, a difteria, a sífilis, a peste, foram deixando penetrar de luz o seu enigma,—o cancro mantem-se inacessivel, impenetra-



vel, obscuro, tragico. A propria literatura, que romantizou as doenças nervosas, que revestiu de uma auréola de beleza e de imaterialidade a tuberculose, que resurgiu em paginas de grandeza historica a tragedia secular da peste,—emudece de horror perante o cancro. Apenas François de Curél teve a coragem de o dramatisar na *Nouvelle Idole*. Quiz fazer teatro de idéas; e só de pronunciar-lhe o nome, —fez teatro *d'epouvante*.

Arte de furtar

Organisou-se uma grande companhia para explorar as ourivesarias de Lisboa. Simplesmente,—essa companhia é de gatunos. Instalou-se uma agencia destinada a fornecer creadas á capital. Simplesmente,—essa agencia é de ladras. Formam-se empresas; constituem-se sindicatos de roubo. A industria de furtar deixou de ser privativa de individuos; é já exercida por coletividades. Quer isto dizer que o progresso se acentua,—e que Lisboa se civili-



sa. Devemos felicitar-nos. Lá o diz Wells, o grande romancista inglez, no exerto do seu novo livro profético anunciado no ultimo numero da *English Review*: quando, em 1933, obtido o processo de transformar o bismuto em ouro, a humanidade tiver atingido o mais alto grau de civilização,—do fundo de cada

homem honrado sur-
grirão vertiginosamente dez mil gatunos.

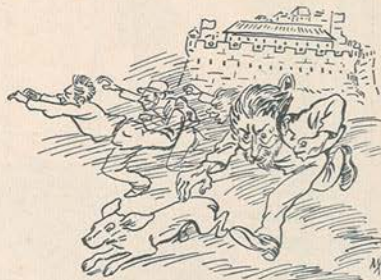
Exposição d'aguarelas

Inaugurou-se na Sociedade Nacional de Belas Artes o ciclo de exposições de 1914 por uma demonstração da aguarela portugueza. O palacio da rua Barata Salgueiro quiz abrir este ano as suas portas com a leveza, a frescura, a transparência, a graça luminosa da aquatinta. Desde a timida escola d'aguarelistas da Patriarchal, onde o grande Rafael Bordalo trabalhou, até á largueza de processos e á segurancia de tecnica de Casanova; desde os cartões inundados de luz e de ternura de Gameiro, de Hogan, de S. Romão, até á arte dextra, sóbria, elegante, precisa, de Alberto Sousa e de Alves de Sá,—que bela curva de evolução traçou nos ultimos quarenta anos a aguarela em Portugal! E que nota singular, que nota inesperada de originalidade e de pessoalismo veio imprimir á exposição o genio intenso de Columbano, iluminando, n'uma aguada tenue, n'um toque ligeiro de pincel, a graça colorida de duas figuras de Saxe que dançam sobre o tempo doirado de um tremo Imperio!



O frio

Lisboa viu gelar a agua nos seus tanques. No Porto, as mulheres que iam de manhã para o trabalho, tairocando os tamancos de verniz na ponta da meia verde, escorregaram e caíram na neve das ruas. Uma imensa aza de gelo arfou, palpitou no ar. O termometro desceu a baixo de zero. O frio foi tanto, que os proprios presos, para quem a reclusão é um modo de vida agradável, começaram a



fugir, uns atraz dos outros, das casa-matas de Elvas. O facto estava previsto. Já o director d'um deposito penitenciario dos Estados Unidos dizia, fleugmaticamente, ao governo do seu paiz: «as evasões, n'este estabelecimento, aumentam na razão directa do numero de guardas e na razão inversa do numero de fogões electricos».

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manoel Gustavo)

a solteirona



PEIASINHA, maneiras desagradáveis, de uma timidez quasi agressiva, ela vira as irmãs, uma a uma, irem casando, seguirem seu rumo, e ficara para todo o sempre junto da mãe, calada e triste, n'uma passiva resignação.

A principio, ao vêr as outras requetadas, arquiteando sonhos, doirando planos de futuro, mordera a uma pequenina inveja muito intima, bem recalçada no fundo bom da sua alma, tão vaga e diluida que ela mal se apercebia das raivas subitas que ás vezes a tomavam, em repelões bruscos, sacudindo-a um instante n'um silencioso choro e logo a fazendo limpar as lagrimas e sor-

rir docemente, esquecidas de pronto as magoadoras preferencias com que distinguiam as irmãs.

E, pouco a pouco, habituára-se áquella vida calma de solteira e toda se devotara á mãe, á branda vida do lar em que a sua mocidade suavemente se ia fazendo, no inser sivel deslizar dos annos.

A' sua afetuosidade serena de retraida bastava a afeição da mãe, d'essa velhinha quasi cega, que a guardava bem junto a si, amando-a egoistamente pelos seus carinhos de enfermeira solícita e rodeando-a, em troca, de meiguices quasi infantis, para que jámais no seu coração quieto de despresada surgisse o desejo de experimentar diferentes afagos.

E a sua vida corria mansa e facil, n'uma recolhida modestia de religiosas, no tepido conforto d'esse lar pequenino e docemente triste, vivendo sobriamente da pensão que o pae deixára, para que á velhinha nada faltasse e os seus derradeiros dias deslissassem tranquilos, sem fomes nem atritos, na venturosa mediania que fóra toda a sua existencia.

Mas o seu coração quieto de despresada acordou um dia.

Então, toda a horrivel monotonia d'essa vida sempre igual, sem sobresaltos nem alegrias, sem esperanças nem illusões, appareceu-lhe como uma tortura inquisitorial, que a revoltava, n'uma subita rebelião da sua mocidade desperta.

Qualquer coisa estuava no seu peito, em impulsos que jámais sentira, e tomavam-na indefinidas ancias de liberdade e de vida ao sol, ao ar, correrias pelos campos, movimento, luz. Estremecia, vibrava toda, sacudida n'uma perturbação que lhe transtornava o triste rosto de feia, que jámais atraira o olhar de um namorado.





Nervosamente, afastou o bordado que iniciara e cujo desenho ingenuo tomava estranhas fórmulas que a entonteciam — pares amorosos boijando-se, figuras saí suas cingindo-se em amplexos de delírio, desenrolando aos seus olhos vítreos de febre toda uma lubrica cinematografia da paixão carnal.

Abriu a janela, quemada de suores, ofegante, e respirou sofregamente a aragem macia da noite, que trazia aos seus ouvidos uma confusa sinfonia de cantos e de gritos, rodar de carros, arrastar de walsas em pianos roucos, pregões e brados da cidade, plena de vida

toda a barbara musica e de movimento.

Dentro, a voz da mãe chamou, n'um alvoroço, que viesse, fechasse a janela, que estava frio.

A voz carinhosa da velha irritou-a, roçou nos seus ouvidos como um aspero riscar de aço sobre um vidro. Quiz responder, mas logo se calou, não fosse o tom das suas palavras traduzir a revolta crescente do seu coração.

Então, em baixo, na rua, um vulto de homem apareceu, cumprimentou, falou da noite marta que corria, da lua, da walsa que a vizinha estava tocando.

Conheciam-se. Ele rondara muitas vezes a porta, oferecera-lhe cartas, chegara mesmo a recorrer á intervenção de uma velha amiga da casa, mas ela esquivara-se, sempre defendida pela sua obstinada timidez, envergonhada da sua fealdade, refugiando-se no amor da mãe, como supremo derivativo para o seu coração resignado.

Mas, agora, ouvia-o, palpitando, estremecendo numa ancia de palavras que a acariciassem, que afagassem a sua pobre alma faminta de amor e

lhe revelassem finalmente todos os mistérios d'esse sentimento inedito para ela.

Habilmente, em requintes de feminina subtilidade, provocava-lhe as expressões amorosas, estimulava-o para que a enaltescesse, para que afagasse o seu amor proprio com essa terminologia nova, que a encantava.



Ao embaio d'essa voz falando para ela um idioma desconhecido, a sua exaltação crescia, sentia-se transformada, quereria dizer tudo quanto sentia, todo o seu desejo de amor que agora explodia, indomitamente, na sua alma até então calma e tranquila.

Mas de novo, dentro, a voz da mãe chamou, quasi ralhando, surpreendida de tão longa demora.



Despediu-se á pressa, fechou a janela, numa raiva íntima que a despedaçava, os olhos cheios de pranto, em soluços.

-Foi debruçar-se sobre a mesa, os punhos fincados na frente, os cabelos meio soltos, a morder o lenço para que a mãe lhe não ouvisse o choro.

E a voz, dentro, mais carinhosa, mais sobresaltada, inquiria se estava mal, se, nessa noite, não ia fazer-lhe companhia. . .

A figura querida da mãe quasi cega acudiu aos seus olhos, onde as lágrimas secavam, queimadas pela febre, e de novo o seu coração palpitou de amor pela pobre velhinha, num doce estremecimento de carinho.

Quem lhe consagraria afeição mais viva do que essa desamparada creatura que a ela só tinha no mundo e que nela concentrava todo o seu afeto de viuva?

Essas frases de amor que o seu delírio provocara, não eram mais do que as palavras enganadoras, que os homens tem sempre nos lábios para toda a mulher que por um instante lhes apeça. E — ela adivinhava-o bem. . . — ao vê-la tão desgraçada e feiíssima, por mais apaixonado que estivesse, esse que ainda ha pouco lhe dissera doces ilsonjas mentirosas, havia de sentir-se contrafeito ao beijar o seu rosto orfão de encantos.

Só essa estremeçada velhinha, que lá dentro a chamava sempre, no mais suave tom da sua voz

cançada, a amava bem do coração, nada mais do que pelas formosuras da sua alma, achando-a bella, mais bela que ninguém — porque era sua filha.

Ficaria então eternamente solteira, nunca mais ouviria essas quentes palavras de paixão que a embriagaram por um momento, e os seus dias continuariam correndo, melancolicamente, naquella pequenina casa de moveis arrumados, onde o sol mal entrava e onde jamais se ouvia um cântico de alegria ou um riso de criança.

A resignação voltava e de novo a sua alma se calmava, na forçada abdição de todos os sonhos um momento arquitetados.

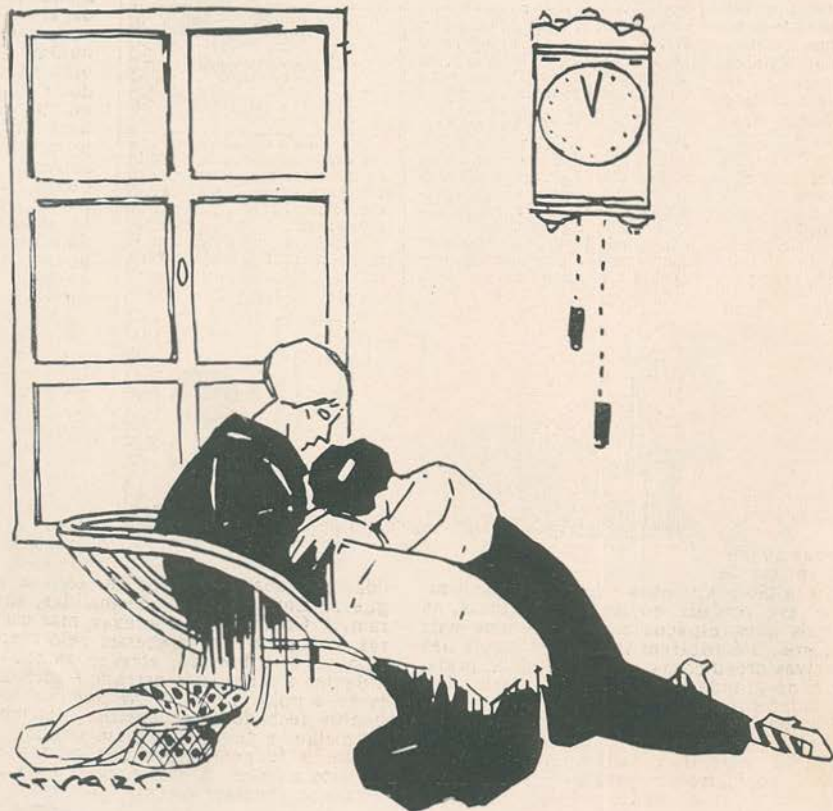
Ergueu-se, enxugando os olhos, e foi beijar a mãe, tremula, envergonhada do seu desvario, o peito arfando ainda de soluços.

A velhinha assustou-se. Pois que queria dizer esse pranto, aquele rosto afogueado, que as lágrimas haviam cavado de sulcos? Beijou-a amorosamente, cingindo-lhe a cabeça contra o peito:

— Então, minha filha, estiveste a chorar?
Num gesto rapido, a triste passou o lenço sobre os olhos, transmutou o rosto num sorriso ainda mais doloroso do que o seu pranto e murmurou:

— A chorar? Não, não, minha mãe. Pois se eu até me rio! . . .

SIMÕES DE CASTRO.



Manhãs de nevoa

Minho, dezembro...

Agora que a aldeia inteiramente se despiu das suas vinhas colmadas de ouro e só uma atmosfera de cinza cobre os campos endurecidos, sugere-se-nos maior, e porventura mais bela, ao longo das estradas azuladas de charcos e pela margem das terras que o nevoeiro vaporiza e apaga, a alma piedosa desta paisagem transfigurada e muda, cujo comentário rítmico, transparecendo ao maguado ar comum das coisas, anda para ali disperso e a chamar-nos, como balado de ovelhas tresmalhadas pelos crepusculos finos, no choro fundo e lento das fontes verdes e escondidas!...

— Glu... glu... glu... glu... glu...
Sem dúvida, um ar frio e irritado bate a todo o momento contra os nossos olhos, em cada um vôo da alma ansiosa por sobre esses prados prosperos e encobertos do rez das chãs ás iminências de cinza tão misteriosas e vendadas. Fundem-se, em verdade, em massa de brumas, os mais altos espaços com os troncos mais duros, até roçarem esse verde tapete das relvas preguiçosas e resumentas de prata.

E no grande ar mudo das paisagens abafadas e como que rememorando passadas culpas da voluptuosidade dos estios, de onde em onde, mal distintos, difusos, a meio da pesada atmosfera envolvente, troncos esqueléticos aos quaes o desespero distende os gran-

des braços monstruosos, estão representando, pela luz humida e roxa destas manhãs silenciosas, mais do que simples formas inanimadas e em que o frio corta a grandes golpes de lamina: mas poderosos e altos símbolos da Tragedia natural, declamando exasperadamente o seu mito dianoisiaco, enquanto, do estremeamento lirico das fontes, se escuta-se a mesma queixa... e essa como que remota!...

— Glu... glu... glu... glu... glu...
Voaram as aves, assustadas!...

Certa manhã, quando subiam á alpendrada dos ninhos, contou-lhes a chuva árida, vinda do mar, que o outono havia chegado; o outono que tambem era ela propria, asobiando e cortando a par do vento desabrido e fugoso, como dois corceis de força: o outono que tambem eram aquelas nevoas azues cobrindo os cabeços dos montes solitarios, e as proprias arvores despidendo a fantasia acolmada e cá-

lida das suas folhagens de ouro e sangue... Então as aves, desiludidas, abalarão... Como flexas confusas, mas certas, voaram e desapareceram pelo crepusculo verde e humido, atravez as chuvas ardentes e o nordeste cerrado e acre. Então, a noite descia... Na paz dos casinhotos fechados e aqueitados, penachos vermelhos e de oiro lambiam ansiosamente a fuligem negra dos grossos panêlos aldeãos. A essa hora ás aves, cortando incessantemente, já



iam longe; maguadas e para além da serra, sobre o deserto indiferente do mar, cheias de dor e confusão... Ninguém nas

sentira, gosando n'essa noite o costume do seu ninho quente e claro, que outros mil ninhos haviam sido abandonados por aquelas terras desabrigadas e sepultas em nevoa. Ninguém pensava—ao de leve, sequer—nessas cabanas suspensas, que se haviam tecido dos linhos soltos das eiras, e das quais, atravez o estio, subiam milhares de cantos e de vôos anciosos, de alegria e de amor.



trando na noite muda, para as sombras suspeitas de em redor, o mesmo soluço estremecido...

— Glu... glu... glu... glu...

E agora todas as manhãs acordam tristes...

Nas estradas rotas e esbordantes de charcos azues e prateados, reveem-se, no grande abismo absorto das horas, as arvores duras que jazem em solidão. Pelos tétos de palhico, das casas esbordadas dá

borda estrada, exala-se um fumareo cinzento e pêco, q e se põe a ondear nos colmos humidos como se fosse dum in-



Ninguém se dava a pensar deles, com saudades... Mas ninguém?... Não—alguem pensava e sofria por eles, fil-

condio. A distancia e quasi fundidas no nevoeiro, passam figuras encolhidas de camponios, com a enxada ao



quecerá—num grande instinto de gratidão e de saudade ..

—Glu... giu.. glu!...

Escrevo isto á verde penumbra da manhã, ao lado do grande topazio cis-



hombro, para caminhos que se perderam além do corpo etereo da nevoa. Mortos e agaielados, os sarmentos negros das vinhas escorrem em grandes gotas o vapor roxo que dissolve e afunda, melancolicamente, a paisagem

matico de uma brazeira, vendo atravez as vidraças quasi envolvidas pela berranha das cortinas frescas os troncos negros e rudes que distendem os braços por uma saudade amarissima, e emquanto Rosa Maria — a amorosa — evo-



bruna. Tudo se apaga... No ar morto e quieto, tudo se abstrae e ilusiona... Tudo espera, suspenso, entre a Amargura e a Morte... Somente... incessante, triste e como que remota, aquella queixa se não esquece, nunca se es-

ca ao piano, como n'um afágo maternal á paisagem, a «Madrugada», de Grig.

ALFREDO GUIMARÃES.

(Clichés do distinto fotografo sr. Alvão, do Porto.)

HISTORIA D'UMA VIDA



Ao Nuno Simões.

Chegou o Tempo... e deu as ordens.
Bateu as palmas: acordei.
E fiquei pastor,
sonhando ser rei!

O Tempo veio, e deu as ordens.
Abriu as portas: e eu parti...
Tinhas já voltado,
cheguei retardado!



Dr. Martinho Nobre de
Melo

O Tempo veio, e deu as ordens.
Abriu as portas: p'ra eu voltar...
E logo que entrei
disse-me o Tempo, a soluçar,

— *Nascestes fóra do teu tempo!*

*De «O Jardim do Crepusculo», li-
vro do Dr. Martinho Nobre de Melo,
recentemente publicado.*

A MATANÇA DO PORCO

Ha dois animaes que o pequeno lavrador cria com particular desvelo, ás vezes com maior desvelo do que lhe merece uma pessoa de familia. São o porco e o boi.

Ao menor ruido suspeito no chiqueiro ou no curral, levanta-se ele sobresaltado por horas mortas da noite, faça o tempo que fizer, vae inquirir do que se trata, faz-lhes companhia, diz-lhes coisas animadoras e só volta a recolher, quando se assegura de que se dissipou todo o motivo para cuidados. Passam-se dias e semanas que nunca pergunta aos filhos se estes comeram; mas não passa um só dia em que não lhes pergunte se já

deram de comer ao porco e ao boi! Ai d'elles, se não o fizeram!

E n'isto não ha differença entre os dois animaes. O grunhido de um não merece menos cuidado que o mugido do outro; mas que differença entre os sentimentos que cada um d'elles inspira, fóra do prejuizo que a perda de um ou outro pôde causar ao dono! O boi trata-se como uma creatura intelligente, como um poderoso e leal companheiro de trabalho; alimenta-se bem para lhe dar forças, para ele ter saude e galhardia. O seu vigor, a abundancia das suas carnes, a sua nediez, não lembram a vantagem de o matar, não provocam a vo-



1. Um belo exemplar sulno.—2. A condução da vítima para o suplício (Clichés Benollet)—3. Espetando o soveião.

racidade. Quando o lavrador, obrigado a desfazer-se d'ele, o manda á feira ou o vende para a matança, acompanham-no sempre, até ele sumir-se na volta da estrada, olhares saudosos e até lagrimas serenas de pesar.

Mas o porco... desde que entrou na pocil-

se põem tempo antes a grelar em alfobres agasalhados da geadá ou em caixotes com a cautela com que se borriía o trigo a grelar em pires e pratinhos para enfeitar os presepios.

Ninguém dorme. Mesmo os que não andam n'aquelle afan espreitam impacientes os primeiros desmaios da noite. Abre-se o portão e sente-se finalmente no pateo passos cadenciados, solenes e pesados como devem ser os de Deibler e dos seus ajudantes. Grunhidos agudos, soltos ás arrancadas, estregem afitivamente aos ouvidos sem ninguém se condeor; pelo contrario em todos os olhos só faísca a alegria e a gula. Dão duas ou tres voltas com uma corda ao focinho do bicho, mas nem isso consegue reprimil-os. Atam-lhe tambem os pés e as mãos, levantam-no em pezo e co-



Chamuscando

ga nunca mais deixou de pairar sobre ele a idéa da morte. Não se lhe pôe uma só gamehada, não se lhe deita uma cama de mato, não o desencharcam da estrumeira, não se faz nada em suma para lhe conservar a vida que não seja com o intuito de lh'a tirar, quando ele a tiver mais arreigada de carnes e de banhas. É uma simples maquina de transformação de quantas imundicies apanha ao alcance do focinho n'uma carne caracteristicamente saborosa. Morre entre as alegrias da familia, e as unicas lagrimas que acompanham a sua morte são as provocadas pelo arrenegado oleo volatil das cebolas nos olhos de quem as pica para fazer as morcelas.

É realmente um dia de festa o da morte do porco por essa provincia fóra. Dezembro e janeiro são os mezes principalmente destinados a ela. A operação é feita ao amanhecer e a noite toda gasta em afanosos preparativos: panos, carqueija, alguidares, tachos, caldeirões, temperos para as morcelas, abundando a montes as cebolas, que



Depois do pêlo queimado rapa-se com facas

locam-no em cima de uma mesa ou de um banco; enterram-lhe uma enorme faca no pescoço e grossas golfadas de sangue rubro são aparadas em alguidares, onde mãos de mulheres o vão agitando para ele não coagular. N'alguns pontos a morte é pronta, devida a uma picada de sovelão, e depois é que lhe tiram o sangue.

Morto o animal, a primeira coisa a fazer é tirar-lhe o cabelo. Percorre-se-lhe o corpo

demoradamente com ramos de carqueja a arder, enchendo-se o pateo e a casa de um fumo denso, fétido, irritante, no meio de

Abre-se de cima abaixo pela barriga, extraem-se-lhe todas as visceras e banhas, separando cada coisa para o seu alguidar e parecendo que aqueles despojos enlai-



crepitações secas. Raspa-se depois o couro com uma faca, esfrega-se com carqueja molhada e lava-se em seguida com abundante agua.

vados de sangue ainda palpitam de um resto de vida.

Correm logo as mulheres a lavar as tripas,



1. Depois de rapado lava-se com agua quente.—2. Preparando as morcelas.
3. Com as morcelas ao lume.



Com a ajuda dos vizinhos conduz-se o porco para a casa onde é depenurado em uma trave.

aplicando-se as grossas ao fabrico das morcelas e as delgadas ás linguiças e chouriços de carne. E, como estas são poucas e fracas, aproveitam-se também as de boi para os enchidos de carne. Não se calcula a azafama que vai lá dentro, em casa. O sangue continua a mecher-se, misturando-lhe arroz cozido, cebola picada, pedacinhos de gordura em rama, cominhos, e não sei que mais; corta-se o fígado, o coração e os rins em fragmentos e deitam-se em panelas com um pouco de sangue que se reservou do destina-

do ás morcelas; cruzam-se ordens, pedidos, recomendações, entre a cozinha, a dispensa e a casa de jantar; não ha maior balburdia de trabalho debaixo de um teto.

Com a ajuda dos vizinhos leva-se em braços o porco, depois de esvasiado, e dependura-se a uma trave por uma grossa corda, pondo-se-lhe por debaixo um alguidarinho, onde gotam uns restos de sangue derivando muito direitinhos pela cauda abaixo.

Depenurado o porco, abre-se longitudinalmente pelo dorso. Então é que se vê e admira a grossura do toucinho, que se compara triunfantemente com a dos porcos dos vizinhos. Escorrido de líquidos, retalha-se e divide-se em



Depenurando o porco.

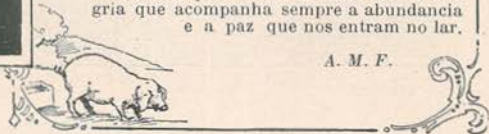


Abrindo o porco.
(Clicks do sr. João de Magalhães Junior)

peças: cabeça, presuntos, chispes, toucinho para o fumeiro e para a salga, etc. Tudo se lhe aproveita desde o focinho até á cauda, que é a primeira coisa que se saboreia, assada nas brasas. Depois são umas assaduras de febra e de toucinho delgado para os gulosos impacientes; mais tarde as morcelas, os torresmos, as linguiças etc.; enfim, o porco divide-se e conserva-se tão bem que pelo ano adiante não ha em casa do pequeno lavrador conduto mais apetecido e duradouro.

Por isso o dia da sua morte é um dia de festa e os grunhidos dilacerantes da pobre vitima, longe de encontrarem eco, são abafados inexpressavelmente pelo ruido da mais franca alegria que acompanha sempre a abundancia e a paz que nos entram no lar.

A. M. F.



Uma caçada á raposa em Roma



Uma fase da caçada

A caça á raposa é muito usada em França e Inglaterra, principalmente na Inglaterra, onde assume as proporções d'uma verdadeira paixão sportiva; pôde mesmo dizer-se que a caça á raposa constitue n'este ultimo paiz, um *sport* nacional.

Em Italia, *caccia alla volpe* tambem é uma diversão sportiva muito apreciada e elegante. Os *appuntamento di caccia*, em Roma, são ainda mais do que uma diversão sportiva, porque redundam sempre n'um *acontecimento mundano*.

A *campana romana*, tão decantada pelos

poetas e que lord Byron immortalizou ao descrevel-a em paginas d'um relevo literario encantador, presta-se admiravelmente para as caçadas á raposa attingirem excecional brilhantismo como *sport* e singular animação como espetaculo mundano.

Bosques d'eucaliptos, vastas planicies; cortadas aqui e alem de obstaculos, proporcionando aos cavaleiros e ás amazonas exercitarem a sua dextreza, e um ceu incomparavel — o classico ceu d'Italia — são as características da celebrada *campana romana*; a circumdal-a, em amíltea-



No rasto da raposa. Todas as pessoas que assistem á caçada procuram gosar as diferentes e interessantes fases do torneio venatorio mas a raposa foge, foge sempre



são encorajados por batedores a pé e acompanhados por caçadores a cavalo, que os incitam, até que o animal, completamente exausto, se deixa subjugar.

Na antiguidade, os caçadores francezes fizeram d'este genero de caça quasi uma ciencia que entrava na educação de todo o gentilhomem. Atualmente já não succede assim. Os cães inglezes, que se encontram já disseminados em todas as nações, transformaram taes caçadas, as quaes, pelas exigencias de sociedade, se metodisaram e restringiram a determinadas epochas do ano.

Então, a raposa era perseguida n'um galope moderado até cair exangue, morrendo ás mãos d'um batedor escolhido que lhe rasgava o cachaço com uma faca bem temperada. Agora, com a intervenção dos *puros sanyues* e dos famosos galgos inglezes, a caça á raposa como que se enobreceu; a raposa é



1. Regresso dos caçadores.
2. Um momento de repouso servindo para os caçadores trocarem impressões sobre a caça.

tro, descobrem se, ao longe, os acidentados montes latinos, d'uma magestade angusta, ericadas de velhas e misteriosas torres medievas e de tantos outros monumentos curiosissimos, cuja fundação já se perde na treva da mais remota antiguidade...

Nos dias felizes de caça á raposa, a magestade angusta e silenciosa dos montes latinos é perturbada pelo rodar estrepitoso de muitos automoveis, que por eles serpeiam, conduzindo, em caprichosas *toilettes* d'estação, as lindas *damas patricias*, dirigindo-se, altivas e risonhas, para o sitio do *appuntamento*, seguindo-as, em garbosos corceis, a multidão dos cavaleiros de *aficion* venatoria e das gentilissimas amazonas, ávidas de gosarem uma esplendida manhã de inverno ao ar livre, galopando, á vontade, *sem governo*, na extensa planicie em que os seus olhos formosos se perdem ou em plena floresta, onde o astro luminoso quasi não penetra...

A caça á raposa, como talvez alguns leitores da *Ilustração Portuguesa* não saibam, consiste em lançar na perseguição da raposa uma matilha de cães especiaes, que



3. Saltando um difficil obstaculo.



Grupo d'elegantes dirigindo-se para os locais onde espera poder admirar os episodios da caçada.

atacada em plena velocidade, quando ainda se encontra cheia de vigor e capaz d'uma defeza energica, encarnicada.

Segundo os entendidos afirmam, a caça á raposa aristocratisou-se em França, onde os senhores feudaes e os homens da corte a submetteram a muitos preceitos, ainda hoje, em parte, fielmente observados.

De facto, os reis de França mostraram sempre singular predileção por este genero de sport. Henrique IV, Luiz XIX, XV, XVI e Carlos X (cita-

mol-os ao acaso) foram caçadores eméritos da raposa; e como as paixões dos reis influíram sempre nas dos vassallos, a caça á raposa em breve se aristocratisou e divulgou.

A caça á raposa não oferece difficuldade. A raposa é manhosa, mas, para a comprometer, a natureza dotou-a d'um cheiro característico e nauseante, que lhe denuncia o rasto e os esconderijos.

A raposa muda de cor conforme é nova ou velha; se é nova é avermelhada e, quanto mais velha é, mais cinzenta se torna. Algu-

mas tem o pelo escuro, quasi negro, mas estas escasseiam, pelo menos em Italia. E' preciso, porém, notar que a raposa é extremamente sensivel; qualquer rumor, embora quasi impercetivo, basta para a pôr de sobreaviso. E' animal excepcionalmente manhoso e desconfiado.

Uma vez lançada a raposa em fuga, só cães apropriados, de grande dextreza e agilidade, lo-gram apanha-la. Os cães inglezes, d'uma raça carissima e muito apreciada, sobrelevam-n'a e, ordinariamente, alcançam-n'a, mas o cheiro nauseante da raposa como que os enton-tece.

Na ancia de se defender dos cães, a raposa não se arreceia dos riscos e obstaculos que se lhe deparem, não hesitando mesmo em se precipitar n'um rio caudaloso; luta sempre e vigorosamente, aproveitando, com incrível astucia, todas as occasiões para se escapar.

Ferida, é cercada pela matilha e despedaçada raivosamente. E' então que o haterdor, que primeiro chega, ousa dependural-a d'uma arvore para dar tempo assim



Alguns entusiastas da caça á raposa em preparativos para montar a cavallo



1. A barraca «restaurant» durante a caçada é um «rendez-vous» obrigatório.—2. Uma elegante amazona seguindo as peripecias da caçada

aos caçadores retardatários de se aproximarem, a fim de gosarem o espetáculo que é típico e constitui um *clou* do divertimento venatorio.

Em verdade, é interessantíssimo admirar a fúria e a sofreguidão dos cães a disputarem uns aos outros os despojos do inimigo vencido, aniquilado—que representam para eles inconscientes algozes, os louros da vitória!

*

Não queremos, porém, terminar esta breve notícia sem remetermos os leitores da *Ilustração Portuguesa* para outro artigo que sobre o mesmo assunto escrevemos o ano passado.

Informaremos ainda as nossas benevolentes

leitoras de que, na multidão das *elegantes* que presenciavam as caçadas á raposa, em Roma, se notavam os costumados e *chics* vestidos *tailleurs* bem abertos no peito e lindos casacos de abafó, alguns vermelhos, talvez para as suas gentis

possuidoras significarem o seu entusiasmo ou as suas legítimas aspirações sportivas. Ainda informaremos as nossas leitoras de que reapareceram os chapéus tricórnios á Napoleão, os pequeninos *tocke* de veludo preto da última criação parisiense. De resto exibiam-seas bem conhecidas e custosíssimas pelicas... deses pero dos maridos e ideal das *elegantes*.



3. Outro aspecto da barraca d'abrigo. Uma das mais arrojadas amazonas discutindo sobre o êxito da caçada

A região Timorense



1. A habitação do governador em Sahalane.
2. Palácio do governo de Timor, em Dilly.



Timor vae-se desenvolvendo dia a dia descobrindo-se as magnificas qualidades dos seus terrenos para a cultura do café e do cacau assim como em alguns pontos os notaveis jazigos petroliferos alguns já em exploração com belos resultados



5. Um cavaleiro de Timor, filho do regulo de Bohanavo.

3. Guerrellos timorenses Corralaes.—4. O major Pimenta de Castro, governador de Timor. Ao seu lado o capitão Julio Garcez Lencastre. De pé em traje malalo o tenente Lucilio Rebelo comandante militar de Manatute.—(A. Ulicks do distinto amador sr. Ribeiro Artur)

O rádio em Portugal

O rádio preocupa o mundo desde que Becquerel demonstrou que o urânio emitia raios invisíveis capazes d'impressionar uma chapa fotografica através dos corpos opacos.

Os esposos Curie fizeram as suas pesquisas e desco-

pontaneamente desenvolve n'um grama é capaz d'eleva'r n'uma hora o mesmo peso d'agua á altura de trinta e quatro kilometros ou seja cem vezes á altura da Torre Eiffel.

Em Portugal ha esse maravilhoso mineral d'uranio d'onde se extrae o rádio. E'



personal superior da mina de estanho da Fonte do Selho (Guarda).

Força de Rádio emitida nos Minérios de Uranio

Emissão radiosa para a chapa obtida diretamente pela luz emitida pelo mineral.

briram o rádio essa preciosidade que se vende a setenta contos de réis cada grama. Também o calor que ele es-



Queda da agua no rio Cão que contem aluviões de estanho

Minério d'uranio força radio ativa.

nas Beiras que ele aparece. Desde ha dez anos que se aproveitam ali as aluviões mineralíferas vindas das montanhas e que principalmente trazem estanho. Ha tambem aluviões auríferas e wolframistas que constituem com o uranio uma verdadeira riqueza nacional.

Do uranio sae o radio com toda a sua energia calorifera e com o seu preço fabuloso o que demonstra admiravelmente como se deviam empregar n'essas minas capitais nacio-



Madame Curie

naes. Nas estações de Sabugal e da Guarda empregam-se pelo menos trezentos contos na exploração constituindo-se assim uma fonte larga de receita para o povo da região.

Empregando-se na colheita das aluviões d'estanho e wolfram, homens, mulheres e creanças teem a abastança nos seus lares pois vendem cada kilo a quatrocentos e sessenta réis e ha quem colha tres e quatro kilos.

A par d'isso uma empreza americana que se



A ponte de Sequeros sobre o rio Cõa, que dividia Portugal de Hespanha em 1273. O rio contem aluviões estanníferas e auríferas

instalou, já está montando dragas para extração do minério a grandes profundidades empregando n'isso centenas de contos.

O magnifico wolfram é outra riqueza das Beiras e a sua extração faz-se também com relativa facilidade sendo empregado para o fabrico de canhões e chapas de couraçamento.

Desde que o uranio apareceu não ha mais duvidas acerca da importancia das explorações; o radio de que ha pouco se adquiriram alguns miligramas para um estabelecimento científico do Porto, vae-se extrair e a compensação dos capitães empregados será segura, chamando ao mesmo tempo as atenções para a nos-



1. Lavagem de aluviões de estanho e lavadelras na Ribeira Velha (Guarda).—2. Rapazes lavando areias estanteras na Ribeira Noema (Guarda).



1. Rapazes carretando areias estaníferas para a lavagem na ribeira do Noeme (Guarda).—2. Interior d'uma galeria na mina d'uranio da Guarda.



sa terra tão rica e tão inexplorada.

O dr. Kelly de New-York, empregou o radio no tratamento do cancro com taes vantagens que o riquíssimo industrial Alfredo du Pont ofereceu as suas minas do Colorado ao governo dos Estados Unidos se ele fundar um estabelecimento des-

3. Exterior da mina de uranio: mulher escolhendo o minerio rico.



Apuramento das arelas estaníferas na Ribeira da Noeme (Guarda)

tinado ao tratamento d'aquela doença.
Oitenta contos um grama! E' sem duvida a cousa mais cara que existe e

Portugal possui-a n'essa região das Beiras onde a prosperidade de hoje pode ser a colossal riqueza de amanhã.



Lavagem de aluviões de estanho por meio de crivos manuaes na mina da Fonte do Selxo. (Guarda).

(«Clichés do sr. J. Carvalhaes).

FIGURAS E FACTOS



A NOVA VERAÇÃO DE LISBOA

1. Dr. Catanho de Menezes, presidente da Câmara Municipal.
2. Sr. Lima Bastos, vice-presidente
3. Dr. Henrique Jardim de Vilhena, nomeado presidente da comissão executiva mas que não aceitou.
4. Dr. João Pedro d'Almeida, vice-presidente da comissão executiva

Realisou-se ha dias em Macinhata de Selxa a inauguração da bandeira da escola official da freguezia, o que constituiu uma imponente cerimonia.

A festa foi promovida pelo sr. Alexandre Barbedo de Queiroz, sendo muito saudado o distinto professor sr. Manuel Correia Alves que tem prestado inumeros serviços á instrucção n'aquella localidade.



5. Os alunos e professores da nova escola de Macinhata de Selxa.—6. Decoração do teto do quarto do sr. Domingos Afonso, de Braga, trabalho do distinto pintor Domingos Costa.

A recepção do ano novo no palacio de Belem



Alguns membros do corpo diplomatico á saída da recepção: ministros da Argentina, Brazil, Russia, e Uruguay e secretarios do Brazil e d'Alemanha



O presidente da camara dos Deputados sr. Vitor Hugo d'Azevedo Coutinho com alguns parlamentares.

Conforme o uso estabelecido na Republica o chefe do Estado visitou o Congresso onde foi cumprimentar os membros das duas Camaras sendo saudado por sua vez pelo presidente da Camara dos Deputados sr. Vitor Hugo d'Azevedo Coutinho e pelo vice-presidente do Senado sr. Goulart de Medeiros. A' saída, entre as continencias da guarda de honra, o sr. dr. Manuel d'Arriaga foi alvo de manifestações populares que comovidamente agradeceu.



Os srs. dr. Guerra Junqueiro, Fernandes Costa e Afonso de Lemos.



Alguns officaes da guarnição no pateo do palacio. («Clichés» Benollel)



A chegada do Presidente da Republica ao Congresso em 1 de Janeiro

Depois de ter visitado o Congresso o chefe do Estado recebeu em Belem os membros do ministerio, autoridades, officialidade do exercito e da armada e bem assim os ministros plenipotenciarios que

foram saudar no primeiro do ano o sr. dr. Manuel de Arriaga.

A recepção realizou-se na grande sala João V com todas as formalidades usadas no protocolo.



A' saída do chefe do Estado do Congresso: O Presidente da Republica, o presidente do governo, ministros do Interior, Instrução publica e colonias e varios deputados assistindo a partida do chefe do Estado.

Figuras e Factos.



1. Alferes sr. José Nunes, que foi trucidado na Guiné.—2. Sr. Antonio Peixoto Junior, distinto professor da Academia de Dança do Porto.—3. Sr. Hipolito Raposo, autor do *Livro d'Horas* recentemente publicado.

O alferes José Nunes foi vítima d'uma cilada quando atravessava com os soldados indigenas do seu comando a região de Churo, na Guiné, a fim de fazer o arrolamento das palhotas na sua qualidade de administrador de Cacheu. Os indigenas trucidaram-no assim como a alguns soldados que o acompanhavam tendo também destruido o barco automovel que os conduzia pelo rio Pelundo.



Alguns republicanos portuguezes de Belo Horizonte (Brazil) depois de terem comemorado o aniversario da Republica.

O sr. Hipolito Raposo, cujas crônicas semanais no *Diario de Noticias* lhe tem dado uma reputação de escritor probo, de estilo facil e elegante, publicou um livro que a critica recebeu favoravelmente e que é na verdade digno das atenções do publico. Intitula-se *Livro d'Horas* a nova produção do distinto escritor que galhardamente enfileira com as loucanias da sua prosa na ala dos novos.



Na manutenção militar depois da inauguração dos retratos do Presidente da Republica, srs. ministro da guerra e coronel Correia Barreto no refectorio do estabelecimento.—(Cliché de Benollet).

Uma missão de illustres officiaes inglezes veiu visitar os campos da península onde se passaram os grandes episodios da guerra napoleonica e na qual inglezes, portuguezes e hespanhoes bateram os invasores.

Napoleão, em Santa Helena, declarou ter sido na península que se forjara o elo ini-



Os officiaes da missão ingleza que veem percorrer os campos da guerra peninsular, com algumas pessoas de familia e o offical portuguez sr. major Teixeira Botelho que ficou ás suas ordens.

cial da cadeia que o deveria ali prender. São esses historicos logares que a missão, composta pelos srs. tenente coronel Maurice do regimento Notts and Derby, capitão Fusse do Royal Artillery, capitão Tharpz, do Argill and Hinglanders, capitão A. Jeffroat e capitão Headlam, vae visitar.



Os bombeiros voluntarios Lisbonenses realisaram, com grande pompa, a inauguração da sua nova séde que ficou magnificamente instalada fazendo tambem uma exposição do be-



lissimo material que tantos servicos tem prestado na extinção d'incendios e na salvação de individuos conforme muito bem se marca nos anaes d'aquella prestimosa corporação.

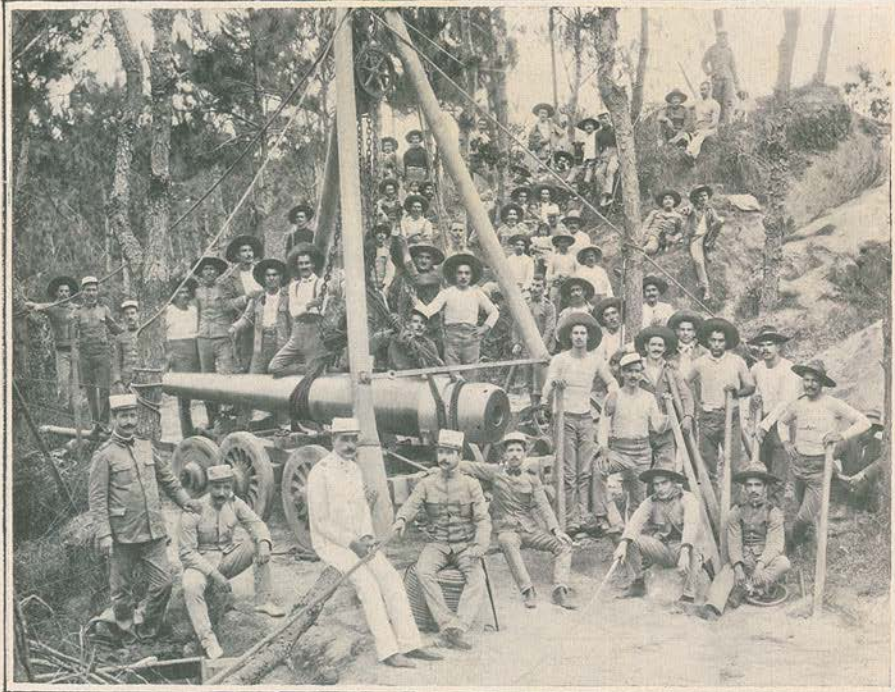
2. Os caixeiros viajantes que foram entregar ao parlamento uma representação protestando contra a contribuição industrial que lhe exigem.—3. Os bombeiros voluntarios Lisbonenses depois da inauguração da sua nova séde na Avenida Duque de Loulé.—(«Clichés» Benollel).

Figuras e Factos



1. A visita do chefe do governo e do ministro da justiça á fabrica de polvora de Chelas.—2. O chefe do governo e o ministro da justiça visitando a manutenção militar.—(«Clichés» de Benollei)

O presidente do conselho e o ministro da justiça visitaram a manutenção militar e a fabrica da polvora de Chelas tendo-se demorado muito tempo a assistirem a diversos trabalhos n'aquelles estabelecimentos.



3. Em Macau: A companhia europela de artilharia depois do transporte d'um canhão do Fortim da Bahia para o abrigo da coluna da «Guia» sob a direcção do tenente d'artilharia sr. Farinha e Relvas no que foram empregados apenas 37 homens.



O ilustre escritor Manuel Souza Pinto, autor do livro «Evanidades» recentemente publicado

O ilustre escritor Manuel de Souza Pinto publicou mais um belo livro intitulado «Evanidades» e que é uma interessante obra de estilo gracil onde o conceito surge maravilhosamente sobre o eterno feminino.



A comissão 1.ª de dezembro de estudantes de Itraga, que realisoou uma linda festa patriótica n'aquela cidade.



Príncipe de Wied, que foi escolhido pelas potencias para rei d'Albania.

As potencias deram o seu apoio á candidatura do príncipe Guilherme de Wied ao trono d'Albania o qual estabelecerá a sua córte em Durazo, a capital do novo reino.



Aspétos da festa infantil realisada em casa do sr. Francisco Pegado, distinto funcionario aduaneiro, em Lourenço Marques, no dia do aniversario de sua filha D. Celestina Pegado, e na qual fraternisaram as creanças portuguezas e estrangeiras que frequentam a escola ingleza da cidade.

O Negus da Abissínia

Este Negus Menelik II, que finalmente parece ter morrido ao cabo de mil notícias contraditorias em que ora o dão estendido no sarcófago dos antepassados ora poderoso e forte reinando na Etiópia, construiu por suas mãos o seu poder.

Ele fôra apenas um «ras» abexin, o «ras» de Cõa, grande senhor é certo mas colocado bem distante da realeza sagrada para aquele povo onde o cristianis-



O negus Menelik II que faleceu em Adua.

ranos recebendo nos seus campos os vencidos do general Baratieri, tratando os soldados com toda a compassiva grandeza d'um generoso vencedor e os officias com as honras devidas aos seus postos.

D'aí por diante os estrangeiros acorreram ao imperio, introduzindo-se mesmo na côrte, e os progressos materiaes chegaram com eles sendo o mais notavel a linha de caminho de ferro de Abebas a Adua.

O imperador estava ha muito invalido concentrando-se o poder nas mãos de Taitou agora, ao que parece, pouco decidida a largal-o a favor de seu neto apesar do pae d'este a poderosa «ras» Michaelis se preparar para fazer executar por todos os meios o direito d'herança de seu seu filho ao trono vago d'Abissínia.



O novo imperador da Abissínia com alguns dignatarios do seu sequito.

mo se pratica.

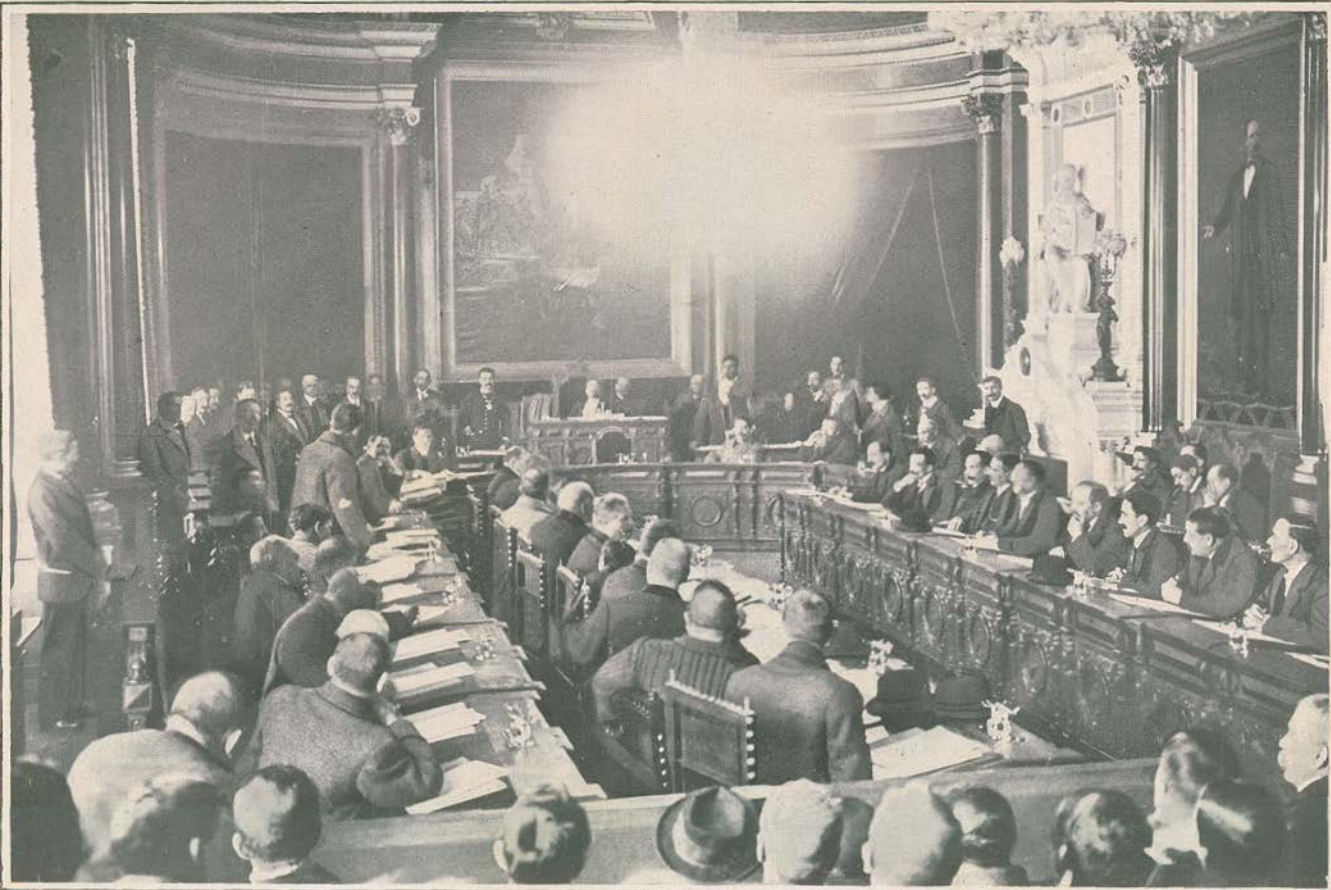
Por morte do seu antecessor teve a energia sufficiente para chamar a si os mais poderosos, pôz em armas os vasallos e entrou assim em Adua onde se coroou imperador com sua esposa a imperatriz Taitou cuja habilidade politica tem sido celebrisada.

Quando foi da guerra com a Italia a Europa viu o rei da Abissínia portar-se como o mais civilisado dos sobe-



Um acampamento em Adis Abeba

Isto é se o «negus» não se negou mais uma vez a morrer.



A primeira sessão da nova vereação da Câmara Municipal de Lisboa, realçada em 2 de Janeiro.—(«Cliché» de Benolle)

TEATROS



Otto Viola, que trabalha atualmente no Coliseu dos Recreios



Mr. Willard, «o homem que cresce» que tem feito grande sucesso no Coliseu dos Recreios

COLISEU DOS RECREIOS

Acrobatas, clowns e fenomenos

meu amigo José Sarmiento que, diga-se de passagem, é um dos raros temperamentos de jornalista do nosso meio, falara-me com curiosidade d'esse Otto Viola que, com a gravidade perfeita d'um *lord* e a mascara d'um *clown*, alegre com as suas pueretas a pista do Coliseu—e ainda do fenomeno, na realidade pitoresco, de certo homem que cresce em publico com a mesma naturalidade com que nós levantamos e encolhemos os hombros, sorrisos, passeamos e dizemos mal uns dos outros.

Eu, confesso a minha fraqueza, tenho uma infantil simpatia por aquilo que, nos ainda não muito remotos tempos da minha infancia, se chamava o *palhaço*. Mas desde então, desde esses saudosos tempos, nos ultimos vinte anos, que profunda evolução tem sofrido esses velhos hobos das creanças, de cara pintada de vermelho e alvaide e pantalonas largas de polichinelo. O palhaço inglezou-se: o *clown* tornou-se un-versal, multiplicou-se, completou-se. Hoje tem cem nomes: é excentrico, é mimico, é parodista, é acrobata; veste-se de seda e lantejoulas, veste-se de casaca, veste-se de hstrião e de *gentleman*, faz pantomimas e toca *sclos* de violino, dá cabriolas de chapu alto e faz exercicios de atleta —é, finalmente, ator e *jongleur*, ganha rios de dinheiro e, por vezes, é condecorado.

Otto Viola que vi no outro dia no Coliseu, é um excentrico, genero americano. E' uma caricatura com ar solene —que nos desconcerta pela precisão macabra com que cae, pela agilidade com que imperturbavelmente tropeça,

salta, escorrega, trepa, sem aparentemente contrair um musculo, sem pestanejar; pelo *spleen* soberbo com que se move e estende e pula. E' o salto—em bocejo; é a farça—em sério; é o movimento—em preguiça. E' d'este contraste entre a mimica e a ação, que é uma das leis do comico, que vivem os chamados excentricos americanos e inglezes que, nas horas vagas da fantasia, me entretrem ainda pelo que ha de bizarro e de inventivo nas suas cambalhotas e nos seus imensos e variadissimos narizes.

Ao lado do homem que nos dá a impressão de que salta sem se mover, tive o gosto de admirar tambem no Coliseu, um meu semelhante que cresce para nos ser agradável. Tinha já visto, no mundo, muita coisa elastica—desde as consciencias até ás ligas. Homens elasticos é que ainda não vira. Elasticos de carne e osso não conhecia.

Pois posso asseverar a v. ex.^{ss} que, por qualquer misterio da fisiologia ou qualquer *truc* inverosimil, ha um cidadão ali, no Coliseu, que cresce o que se chama—a olhcs vistos. Assim, meus amigos, com a fantasia e a paciencia d'estes inglezes de circo, vae desaparecendo o estilo figurado. Vi crescer com estes que a terra ha de comer e que ainda não desesperaram do gosto inefavel de contemplar um camelo *yankee* enfiado n'uma agulha pelo sr. comendador Antonio Santos ou um respeitavel alemão a virar-se do avesso, á vista do freguez e no que antigamente se dizia «um abrir e fechar d'olhos».

A. DE C.



Electro-maçagem da face contra as rugas e pés de galinha

"ZODIAC"

APARELHO DE ELECTRO-MAÇAGEM

Desaparecimento das rugas

TRATAMENTO ELECTRICO DAS DOENÇAS

Não precisa ser carregado de novo

Sempre pronto para uso
Produz a sua propria electricidade
Cura numerosas doenças

O melhor, o mais barato
O Electro-Dinamo medico mais eficaz inventado a é agora
Tratamento aprovado e recomendado pelas sumidades medicas

Preço do aparelho com todos os accessorios e porte: 12 escudos.
Dirigir os pedidos ao representante exclusivo para a venda em Portugal:

Mr. de Smedt, 26, rue Norvins, Paris

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Seda
Suissa

de porte a domicilio franco
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peça as nossas amostras franco.
Schweizer & Co., Lucerne E 12 (Suissa)

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das teorias de Gall, Lavater, Desarrolles, Lamitrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelo numero de cliente da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas: 2\$00 rx., 4\$00 e 5\$000.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA



Wizard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMACOES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª - COIMBRA

Pro-se representantes em todos os ramos



Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem afeccoes, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondencia, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor YTAILO, 35, Boulevard Bonne-Noub Ile, 35 - P. I.

PNEU GOODRICH

E' O PREFERIDO PELO

VERDADEIRO SPORTSMAN

TODOS OS
AUTOMOBILISTAS QUE
TEEM EXPERIMENTADO

PNEU GOODRICH

NÃO QUEREM
MAIS OUTRA MARCA PORQUE A SUA
QUALIDADE
JUSTIFICA A SUA DEVISA
SUPERIOR
AO
MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.^{da}, Rocio—LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa

Marta—LISBOA

MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11—PORTO

ANTONIO FERNANDES & FILHOS—COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL—EVORA

ZENHA & C.^a—BRAGA

JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU

AUTO GARAGE GOUVEENSE—GOUVEIA

AUTO GARAGE—COVILHA

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES—ELVAS

COELHO & BRANDÃO—VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Rua 1.^o de Dezembro, 82, 2.^o—LISBOA